

Edital 02/2016 (PDPD)

Título do projeto: Fatores de socialização pré-universitários e a entrada na carreira de pesquisa: trajetórias femininas na UFABC

Nome do Aluno: Gabriela Boechat

RA do aluno: 21044516

E-mail do aluno: g.boechat@aluno.ufabc.edu.br

Nome do Orientador: Maria Camarez Carlotto

E-mail do orientador (institucional): maria.carlotto@ufabc.edu.br

Palavras-chave do projeto: academia, desigualdade, gênero, mulher, ciência, pesquisa

Área de conhecimento do projeto: Ciências Sociais, sociologia da ciência e estudos de gênero

Declaração de Interesse por Bolsa

Declaro que a aluna Gabriela Boechat nos termos do edital 02/2016 deseja participar do programa de Iniciação Científica como: **bolsista.**

**Fatores de socialização pré-universitários e a entrada na carreira de pesquisa:
trajetórias femininas na UFABC**

Gabriela Boechat

Resumo

A desigualdade de gênero subsiste em várias instâncias da sociedade, uma delas é a academia. A entrada tardia das mulheres nas universidades, espaços antigamente considerados masculinos, traz inúmeras consequências ao presente. Por mais que hoje as mulheres sejam maioria nos cursos de graduação (embora estejam concentradas em cursos específicos), elas ainda não conseguem alcançar os altos círculos de poder. O que acontece no meio do caminho? A proposta desta pesquisa contribui para a pesquisa das as origens das desigualdades de gênero na academia com foco na socialização pré-universitária das mulheres que ingressam na universidade.

Introdução e contextualização do projeto

O debate em torno da questão das desigualdades de gênero vem ganhando destaque na sociedade brasileira e mundial, resultado não só do fortalecimento recente do movimento feminista, que contribui para a visibilidade da persistência de desigualdades, como do avanço da pesquisa acadêmica sobre o tema. Dentro desse campo amplo de estudo, o problema das desigualdades no campo do acesso ao conhecimento vem ganhando destaque.

De acordo com Michelle Perrot, “o direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente

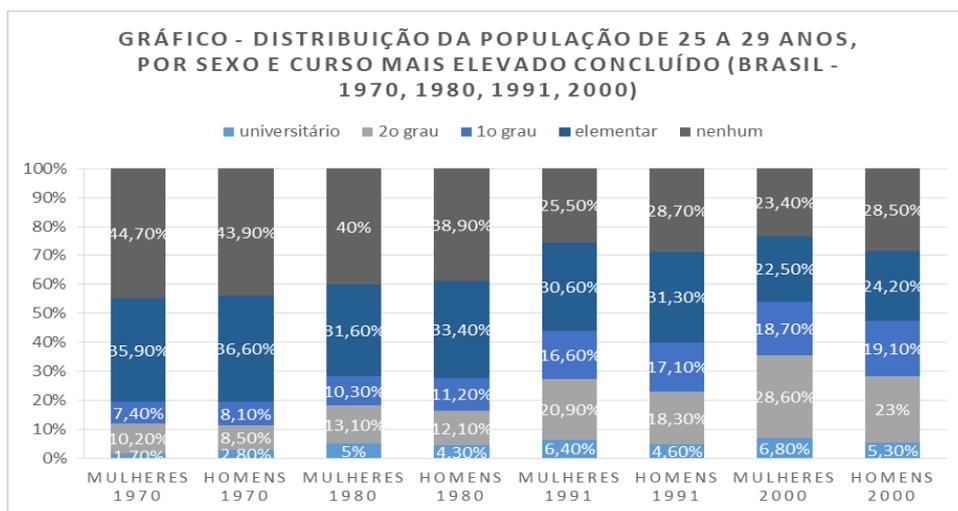
compartilhada das reivindicações [do movimento feminista]. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer” (2007. p. 159). Nas últimas décadas, foi possível observar diversos progressos na questão de igualdade de gênero no Brasil. Um deles foi a introdução das mulheres no ensino superior. A universidade foi, por muito tempo, um espaço considerado masculino, onde apenas os homens tinham o privilégio do estudo. Mesmo que lentamente, as mulheres conseguiram obter direitos que as colocassem, perante a lei, como iguais em relação aos homens, inclusive no que concerne ao direito à escola.

No Brasil, as mulheres conseguiram ter autorização para frequentar o ensino superior no final do século XIX – e a primeira mulher a concluir um curso superior foi uma médica, graduada na Faculdade de Medicina da Bahia em 1887¹. Com a expansão do acesso à educação, consolidou-se a retirada das mulheres de uma educação predominantemente familiar, em que o papel feminino era voltado quase que exclusivamente para a maternidade e o marido, para fortalecer uma educação voltada ao mundo público (GUEDES, 2008).

No Brasil, a expansão da comunidade científica e da ciência faz parte da história recente do país. Até o século XX, o número de instituições voltadas para a produção de ciência era muito limitado e foi sobretudo a partir do final dos anos de 1960 que a expansão da pós-graduação no país fez com que essas instituições ganhassem presença constante no planejamento nacional (LETA, 2003). A literatura considera as décadas de 1960 e 1970 como a “segunda onda feminista”, que coincide com o momento chave da

¹ Em 19 de abril de 1879, D. Pedro II faz aprovar uma lei autorizando a presença feminina nos cursos superiores. A decisão do Imperador deveu-se ao episódio vivido por Augusta Generosa Estrela, que tendo se diplomado em Medicina, em New York, em 1876, com uma bolsa de estudos concedida pelo próprio Imperador, foi impedida de exercer a profissão ao retornar ao Brasil (Blay e Conceição, 1991)

história da luta das mulheres por acesso ao conhecimento (ESTÉBANEZ, 2003). Como resultado direto ou indireto disso, durante os anos de 1980 e 1990, houve um aumento significativo do acesso de mulheres ao ensino superior. O contexto social em que ocorre essa expansão é marcado pela abertura do regime político ditatorial, pela liberalização sexual e pela quebra de antigos ‘tabus’ (GUEDES, 2008).



Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 do IBGE. Elaboração própria.

A educação pode ser vista como causa e efeito das mudanças nos papéis femininos na sociedade; portanto, ela também causou uma decisiva direção ao ingresso de mulheres no mundo acadêmico e científico (FERREIRA, 2008). Atualmente, depois de um avanço extraordinário, mulheres são maioria no ingresso e na conclusão dos cursos superiores. Segundo os dados do Censo do Ensino Superior de 2010, produzido pelo INEP, ligado ao Ministério da Educação, as mulheres ocupam 57% das matrículas nacionais de graduação. E estão em maior quantidade, também, nas conclusões dos estudos nesse nível: 60% dos graduados daquele ano eram mulheres.

Embora as mulheres sejam, nos dias atuais, maioria das graduandas das universidades brasileiras, ainda são poucas que ocupam cargos de prestígio nos círculos

de poder. Além disso, as marcas da desigualdade de gênero ainda têm presença muito forte dentro do âmbito acadêmico. Conforme se avança na hierarquia acadêmico-científica, o número de mulheres presentes diminui proporcionalmente. Assim, é significativo que, em 2010, entre os mestrados *stricto sensu* no país, as mulheres fossem 51,57%; e entre os doutorandos, esse percentual caísse ainda mais, sendo que só 37,63% dos doutorandos do país fossem mulheres². As estatísticas indicam, portanto, que, quanto mais alto o nível de qualificação dos pesquisadores ativos e registrados pelo CNPq, maior o predomínio de homens. Nas palavras de Moema de Castro Guedes:

De modo mais pragmático, a análise da trajetória do contingente feminino com nível universitário é fundamental, uma vez que o acesso às universidades traduz-se em ascensão social e possibilidade de concorrência por melhores postos de trabalho e, do ponto de vista das relações de gênero, em ocupação de postos de poder/comando controlados tradicionalmente por homens (2008, pg. 121).

. Já vimos que as mulheres são majoritariamente graduandas nas universidades. Então, por que a participação das mulheres diminui sistematicamente a partir da pós-graduação, que dá acesso a postos de pesquisa e à carreira científica? Haveria, de fato, um “teto de vidro”³ que impedisse as mulheres de chegar ao topo da hierarquia acadêmico-científica?

Embora tenha um número significativo de mulheres dentro do âmbito acadêmico, pode-se perceber que elas estão concentradas em determinadas áreas, tais como: Psicologia, Linguística, Nutrição, Serviço Social, Fonoaudiologia, Economia

² Segundo dados do CNPq para o ano de 2000, do total de pesquisadores com mestrado concluído, 7.921 eram mulheres (51,57%). Porém, do total de pesquisadores doutores, as mulheres representavam somente 37,63% (11.826 pesquisadoras com doutorado).

³ Metáfora do teto de vidro, segundo a qual haveria uma barreira invisível impedindo que as mulheres chegassem largamente a postos melhores em diferentes fatias do mercado de trabalho. (MOSCHKOVICH, 2012)

Doméstica e Enfermagem, os chamados “guetos femininos” (FELÍCIO, 2010). Moema de Castro Guedes, (2008) afirma que

O intenso avanço do ponto de vista quantitativo, contudo, mascara alguns aspectos de exclusão e segmentação do processo de entrada das mulheres nas universidades. Igualdade numérica não significa equidade de gênero, uma vez que a tendência de maior peso feminino nas carreiras de menor prestígio e mais mal remuneradas se acentua ao longo do período (2005, p.125)

Segundo o Censo de 2013 do INEP, as mulheres se concentram em áreas como Educação (76,3%), Saúde e Bem-estar Social (76,8%) e Serviços (60,7%).

O censo do INEP também mostra que no Brasil, em 2013, mesmo que as mulheres sejam grande maioria na área da Educação, os homens ainda são maioria entre os docentes, tanto com o grau de formação de mestrados e doutorandos.

NÚMERO DE FUNÇÕES DOCENTES EM EXERCÍCIO, POR GRAU DE FORMAÇÃO, SEGUNDO O SEXO – BRASIL – 2013

	Mulheres	Homens	Total	% mulheres
DOCTORADO	53919	67271	121190	44,49%
MESTRADO	69446	78385	147831	46,98%
ESPECIALIZAÇÃO	42318	57943	100261	42,21%
TOTAL	165683	203599	369282	44,87%

Marília Moshkovich (2012) analisa a questão da desigualdade de gênero na carreira acadêmica no Brasil a partir do número de docentes e suas respectivas áreas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ela observa que as mulheres estão

em menor proporção nas instituições mais dedicadas à pesquisa, que contém o maior número de doutores em regime de dedicação integral. Sua conclusão foi que a maior dificuldade para a ascensão das mulheres nas ciências está no âmbito da representação simbólica, ou seja, o que os homens e as mulheres pensam sobre si mesmos e sobre sua vida profissional. No final da pesquisa, acrescenta que a desigualdade de gênero manifestada na carreira acadêmica no Brasil é uma situação particular, ainda objeto de poucas pesquisas nacionais, que necessita ser melhor analisada, catalogada e estudada.

Silvia Yannoulas (2007, p.7), ao concluir sua pesquisa sobre “mulheres e ciência”, apresenta um dos pressupostos para se rejeitar medidas específicas que fomentem relações de gênero igualitárias entre os cientistas: “os preconceitos de gênero são gerados antes da entrada dos jovens na universidade e, portanto, caso alguma medida seja recomendada, deveria estar destinada aos primeiros momentos do sistema escolar ou ao momento da eleição do tipo de curso superior”.

Partindo deste debate, a finalidade desta pesquisa é estudar a situação particular de desigualdade de gênero do Brasil em âmbito acadêmico, concentrando-se no problema justamente do impacto da socialização pré-universitária. Para tanto, desenhamos uma pesquisa com os ingressantes do ano de 2016 da Universidade Federal do ABC, situada no estado de São Paulo, nos seus dois cursos: Bacharelado de Ciência e Tecnologia e Bacharelado de Ciências e Humanidades. O propósito dessa pesquisa é identificar os fatores sociais pré-universitários que impactam na projeção ou não da possibilidade de seguir uma carreira científica.

Este trabalho se insere, também, como objeto de estudo do grupo de pesquisa “Neoliberalismo, conhecimento e assimetrias” coordenado pela orientadora deste

projeto. O neoliberalismo, explicitamente, diz muito pouco sobre gênero. Raewyn Connell (2009) questiona se a hierarquia de gênero é produto de uma tradição de exclusão de mulheres ou se é construída ininterruptamente na atualidade. Na opinião da autora, a ofensiva que o neoliberalismo faz contra o Estado do bem-estar social sistema de desigualdades tem como uma das consequências a queda da posição das mulheres. Deste modo, temos um reforço dos privilégios masculinos, naturalizando os pesos diferentes entre os gêneros, para o pleno funcionamento do sistema. Apesar dos discursos de “igualdade de gênero”, há oposições estruturais que contêm efeitos visíveis. Trazendo esse questionamento para o tema da pesquisa, é possível observar as assimetrias de gênero na busca pelo conhecimento, pois observa-se que as mulheres ainda não conseguem atingir os postos mais altos da carreira científica.

Objetivos e metas

O objetivo mais amplo desta pesquisa é acompanhar uma amostra de estudantes ao longo da sua trajetória acadêmica tentando identificar os diferentes fatores sociais que condicionam a escolha das carreiras, em particular a escolha da carreira científica. Para tanto, seria fundamental acompanhar estes alunos ao longo da graduação. Esta pesquisa de PDPD, no entanto, corresponde apenas à primeira etapa dessa pesquisa longitudinal, que consiste em identificar os fatores pré-universitários que condicionam os planos de carreira no ingresso na universidade.

Objetivos secundários

- Sistematizar os dados de gênero dos alunos da UFABC, produzidos tanto a partir do questionário socioeconômico do ENEM quanto do questionário sobre o Perfil dos Ingressantes aplicado anualmente pela PROGRAD no momento da matrícula, ambos já disponibilizados pela universidade.
- Dar início à pesquisa longitudinal de acompanhamento dos alunos de graduação da UFABC visando identificar os condicionantes sociais pré-universitários da escolha da carreira acadêmica e do envolvimento com pesquisa
- Aprofundar o estudo sobre a literatura de estudos de gênero.

Metodologia

A partir dos dados fornecidos pela PROGRAD-UFABC, sabemos que, em 2016, ingressaram no BC&T no campus de São Bernardo do Campo, 401 homens e 162 mulheres. Para esta pesquisa, optamos por entrevistar aleatoriamente 10% das mulheres e 2% dos homens o que significa 17 mulheres e 8 homens. Segundo os mesmos dados, temos no BC&H de São Bernardo do Campo 295 homens e 234 mulheres. Selecionando a mesma proporção temos 23 mulheres e 6 homens totalizando 54 entrevistas a serem realizadas em profundidade a fim de identificar os fatores de socialização pré-universitária que condicionam a escolha de homens e mulheres pela carreira acadêmica.

Cronograma

	jul/16	ago/16	set/16	out/16	nov/16	dez/16	jan/17	fev/17	mar/17	abr/17	mai/17	jun/17	jul/17
Montagem da entrevista	■	■											
Teste de entrevista		■											
Escolha de alunos			■										
Realização de entrevistas - PARTE I (mulheres)				■	■	■							
Análise de entrevistas							■						
Produção e entrega do relatório parcial								■					
Elaboração da entrevista da PARTE II									■				
Realização de entrevistas - PARTE II (homens)										■	■		
Análise de entrevistas e comparação											■	■	
Produção e entrega do relatório final												■	■

Referências bibliográficas

MELO, Hildete Pereira de. **As Pioneiras da Ciência**. Disponível em: < <http://cnpq.br/documents/10157/6c9d74dc-0ac8-4937-818d-e10d8828f261> > Acesso em 14 de julho de 2016

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Mulheres no ensino superior no Brasil**. Disponível em < http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_03_01.pdf > Acesso em 14 de julho de 2016

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. 190 p.

GUEDES, Moema de Castro. **Gênero e Ciência: uma análise das mulheres nas carreiras acadêmicas no Brasil**. Disponível em < http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11_deCastroGuedesM.pdf > Acesso em 14 de julho de 2016.

TONELI, MJF. **Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate.** In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil.** *Estud. av.* vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003.

BLAY, Evan Alterman. **Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres.** *REVISTA USP*, São Paulo, n.49, p. 82-97, março/maio 2001.

GUEDES, Moema de Castro. **O contingente feminino de nível universitário nos últimos trinta anos do século XX: a reversão de um quadro desigual.** Disponível em < http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_369.pdf > Acesso em 14 de julho de 2016.

LETA, Jacqueline. **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso.** *Estud. av.* vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003.

LOPES, Maria Margaret. **As grandes ausentes das inovações em Ciência e Tecnologia.** Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a12.pdf> > Acesso em 14 de julho de 2016.

CABRAL, Carla Giovana. **Pelas telas, pelas janelas: o conhecimento dialogicamente situado.** *Cadernos pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.63-97.

SILVA, Fabiana Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”.** *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SOARES, Thereza Amélia. **MULHERES EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA: ASCENSÃO LIMITADA.** *Quim. Nova*, Vol. 24, No. 2, 281-285, 2001.

YANNOULAS, Silvia. **Mulheres e Ciência.** *Série Anis* 47, Brasília, *Letras Livres*, 1-10, março, 2007.

FERREIRA, Luiz Otávio et al. **Institucionalização das ciências, sistema de gêneros e produção científica no Brasil (1939-1969)**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.43-71, jun. 2008.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini et al. **Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia**. TransInformação, Campinas, 19(2): 169-187, mai/ago., 2007.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. **Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica no Brasil**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol.58, no3, 2015, pp.749 a 789.

MOSCHKOVICH, Marília. **Teto de Vidro ou Paredes de Fogo? Um estudo sobre gênero na carreira acadêmica e o caso da UNICAMP**. Disponível em < http://www.academia.edu/17613657/Teto_de_vidro_ou_paredes_de_fogo_Um_estudo_sobre_g%C3%AAnero_na_carreira_acad%C3%AAmica_e_o_caso_da_UNICAMP > Acesso em 14 de julho de 2016

COSTA, Maria Conceição da. **Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência**. cadernos pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.455-459

GUEDES, Moema de Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

ESTÉBANEZ, María Elina: **Un enfoque de género en la construcción de indicadores de ciencia y tecnología en la región**. En: Ricyt (2003): El estado de la ciencia. Centro Redes-Ricyt Buenos Aires, 2002

ESTÉBANEZ, M.E., De Filippo, D., Serial, A., Schneider, D.: **Las mujeres y el desarrollo de carreras científicas: Notas para el análisis**. Documento de trabajo Nro 1: Proyecto Gentec/ Capítulo Argentina. Grupo Redes. Unesco-OEI, 2002. Disponível em < <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/10.shtml> > Acesso em 14 de julho de 2016.

FELÍCIO, J. R. D. **A política das agências de fomento na promoção da participação das mulheres na pesquisa.** In: ENCONTRO NACIONAL DE NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA PENSANDO GÊNERO E CIÊNCIAS, 2., 2010, Brasília. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. p. 45-52.

PEROSA, Graziela Serroni. **Escola e destinos femininos: São Paulo, 1950/1960.** Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

UNIFEM - FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER; CEPIA - CIDADANIA, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (Coord.). **O progresso das mulheres no Brasil.** Brasília, DF: UNIFEM: CEPIA: Cross Content Comunicação Integrada, 2006. 295 p., il.



Pró-reitoria de Pesquisa
